

Visual narratives: literary graffiti relations and transgressions in the urban space of the city of Rio de Janeiro

Narrativas visuais: grafites literários relações e transgressões no espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro

Ana Prado

Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia,
Universidade Federal do Rio de Janeiro.

anaprado.arte@gmail.com

Recebido: 4/12/2019

Aceito: 8/12/2019

Publicado: 13/12/2019

Abstract. *This article proposes to analyze the texts and or phrases written on the city walls, naming them as "literary graffiti", in large circulation areas in downtown Rio de Janeiro. It is understood that these manifestations are forms of dialogue with the urban space and, consequently, with the citizen who lives and walks through its artery streets. It seeks to identify possible relationships, transgressions and or conflicts of these writings on the skin of the walls, in their most varied forms of expression, addressing concepts of urban art, art and activism, urban space and poetry, seeking a transdisciplinary and epistemological view of events, most recently established in the public areas of the city, by the strong socioeconomic and political pressures.*

Keywords: Art. City. Urban Space.

Resumo. *Este artigo propõe analisar os textos e ou frases escritas nos muros da cidade, denominando-os como "grafite literário", em grandes áreas de circulação no centro da cidade do Rio de Janeiro. Entende-se que essas manifestações são formas de diálogo com o espaço urbano e conseqüentemente com o cidadão que habita e transita pelas suas ruas artérias. Procura-se identificar possíveis relações, transgressões e ou conflitos, desses escritos na pele dos muros, nas suas mais variadas formas de expressão, abordando conceitos da arte urbana, arte e ativismo, espaço urbano e poesia, buscando uma visão transdisciplinar e epistemológica dos acontecimentos mais recentes instaurados nas áreas públicas da cidade, pelas fortes pressões sócio econômicas e políticas.*

Palavras-chave: Arte. Cidade. Espaço urbano.

1. Introdução

Este artigo apresenta resultados da análise de três grafites encontrados no centro da cidade do Rio de Janeiro e que classificamos como Grafite Literário (daqui por diante referidos pela sigla GL). Num grafite em que se reconheça qualidades literárias a palavra está mais fortemente empregada para expressar algo, para dialogar com, e se manifestar no espaço urbano. Busca-se aqui, portanto, identificar nestas expressões, relações e transgressões que possam trazer à luz dinâmicas de ocupação do espaço urbano e maneiras pelas quais a cidade vem sendo por estas afetada. Nascidos de um movimento que se inicia a partir da década de 90 (FLORIDO, 2011), e diferentemente dos grafites desenvolvidos com desenhos ou imagens, os GLs são uma maneira rápida e direta de falar e expressar situações de conflitos e poéticas afetivas. O gênero poesia está sendo abordado aqui, por assemelhar-se em muito com as frases curtas e/ou versos, rimas e estrofes de um GL, auxiliando-nos nas reflexões sobre os GLs. Dois autores de poesia são referenciados, Manoel de Barros e João do Rio, por nos apresentarem narrativas que contribuem para a análise de conceitos e na identificação de desdobramentos da experiência com GLs na cena urbana da cidade do Rio de Janeiro. Também são referenciados outros pensadores tais como Milton Santos, importante para reflexão sobre a cidade globalizada, Henri Lefebvre, por nos trazer questões do uso do espaço urbano, e Marisa Florido, pontuando a questão das artes na cidade (SANTOS, 2010; LEFEBVRE 2002; BARROS, 2007; RIO, 2008; FLORIDO, 2011).

2. A cidade como esforço de poesia

O fenômeno urbano, nos seus primeiros grupos humanos (coletores, pescadores, caçadores, talvez pastores), marcou e nomeou as topias (lugares), sendo mais tarde consolidadas pelos camponeses como espaço urbano (LEFEBVRE, 2002, p.20). Na história, muitos desses lugares foram cheios de significados, ligados a rituais religiosos, frutos de certa inquietação. Merecem destaque as cavernas de Lascaux e Altamira, entre outros, lugares que desempenharam importante papel social, com suas pinturas rupestres representando rituais ou identificando presas, e abrindo, assim, caminho para as primeiras experiências urbanas, dando lugar às cidades (MUNFORD, 2004, p.13 e 14).

Na passagem desse tempo tão remoto da cidade para as experiências de vida urbana atuais, o mundo globalizado se apresenta como ápice do processo de internacionalização do universo capitalista. Segundo Milton Santos (2010, p.23) a cidade é o campo onde a representação desse mundo espelha em suas mais variadas formas de expressão, acontecimentos de diversas naturezas: artísticas, culturais e políticas. A globalização abriu espaço para discursos urbanos que reagem ao mundo desigual, fruto de uma globalização perversa (SANTOS, 2010, p. 6).

As expressões de arte ao longo da história das cidades vêm se notabilizando por sua significação social (FLORIDO, 2011). Mais fortemente a partir da década de 90, vêm enfatizando cada vez mais a ocupação dos espaços públicos (FLORIDO, 2011). O artista se torna, então, um mediador social, ativando, ainda que temporariamente, o convívio social, em alguns casos, como um etnógrafo de microestratégias de territorialização, em outros, através de pequenas intervenções no habitat, evocando situações rápidas e perturbadoras, pequenos ruídos na entropia urbana (FLORIDO, 2011). São diversas as

linhas de diálogo que colocam em evidência naturezas variadas das vivências de arte, sejam estas arte colaborativa, arte participativa, arte engajada, ativismo, coletivo de arte, arte comunitária, artista em residência, *site specific* (FLORIDO, 2011).

No campo da arte, cada uma dessas vivências foi se constituindo mediante um processo histórico desencadeado desde meados do século passado, onde num desvio de percurso, o objeto do cotidiano apresenta outra perspectiva ao observador, uma mudança de olhar disparada por experiências suficientemente deslocadas em relação à apreciação de uma pintura e ou de uma escultura nos moldes da tradição na arte. A cidade passa a ocupar um lugar de destaque e um campo fértil para essas transgressões, torna-se repleta de iniciativas artísticas que transitam por diferentes linguagens, num esforço de comunicação com o público, seja com falas de contestação ou amorosas. A cidade se transforma num lugar que reproduz modos específicos, individuais e diversos da totalidade do mundo. Torna-se um lugar de afeto.

É importante destacar que estudos sobre grafite em geral, já foram amplamente discutidos e sua forma de expressão transitou da transgressão e rebeldia, para ocupar lugar de destaque nas galerias de arte, e conquistar a devida inserção no mercado através do interesse de empresários por divulgar suas marcas e produtos associados à obra. Hoje o grafite também é utilizado para compor esteticamente os espaços de revitalização implantados pelos projetos de reestruturação urbana, como é o caso, no Rio de Janeiro, do Porto Maravilha, como pode ser visto nos murais da região portuária. Em especial os GLs impactam de forma diferenciada nas cidades, porque sua forma de comunicação é simples. As reflexões sobre frases de humor, críticas, poéticas, são quase sempre efêmeras, se apropriando de técnicas de impressão digital sobre papel, lambe lambe, spray. Ao mesmo tempo, as frases estão sujeitas a sobreposições com outras frases, trabalhadas por artistas e ou pessoas anônimas, criando outros significados sobre a proposta original. Portanto o caminho aqui percorrido busca identificar que tipo de conflitos os GLs estão trazendo para a cena urbana na cidade do Rio de Janeiro e de que maneira a cidade vem se relacionando com essas manifestações.

2.1 Pessoas desimportantes servem para poesia¹

Todas as coisas cujos valores podem ser disputados no cuspe à distância servem para poesia (...)

Um chevrolé gosmento, coleção de besouros abstêmios, o bule de Braque sem boca, são bons para poesia (...)

Tudo aquilo que a nossa civilização rejeita, pisa e mijá em cima, serve para poesia (...)

O que é bom para o lixo é bom para poesia (...)

As coisas jogadas fora têm grande importância - como um homem jogado fora (...) (BARROS, 1970, p.11-14)

Para ilustrar, vamos iniciar nossa conversa com o poeta Manoel de Barros, cujo olhar para o mundo sempre nos surpreendeu. Extremamente atento aquilo que muitas vezes nos passa despercebido, seja num galho de árvore ou uma pedra, na delicadeza da sua poesia se apresenta com uma riqueza de imagens e possibilidades. Sua linguagem é simples e ao mesmo tempo complexa, e requer certa abertura para vivências desconcertantes, já que um "chevrolé gosmento, ou um cuspe à distância" (BARROS, 1970, p.11-14) significa o quê?

¹ Trecho da poesia de Manoel de Barros (BARROS, 1970, p.3)

Ficamos nos perguntando o quanto essa frase desconcertante nos leva para um mundo onírico e que provavelmente nos desloca de um lugar de conforto para a reflexão sobre o que é um chevrolé gosmento, ou mesmo um cuspe a distância que lembra nossas brincadeiras de infância. No verso "o que é bom para o lixo é bom para a poesia", podemos encontrar no artista Vik Muniz e seu belo trabalho de fotografia, registrado no filme documentário Lixo Extraordinário², o quanto esta afirmação é verdadeira (MUNIZ, 2011). Quando Manoel de Barros diz que serve para poesia, talvez seja porque na sua generosa forma de se comunicar, ele vai dar voz a uma inquietação, ouvindo sua mais silenciosa forma de estar, dizendo que se importa, e convidando o leitor para um convívio social, atento ao que está a nossa volta e, portanto resgatando, ainda que por um único instante, a sua mais profunda natureza em diálogo com a totalidade do ser.

A representação de um GL na parede ou muro, pode aparentemente não servir para nada, mas serve para poesia, serve para contestar, serve para falar e se comunicar com o outro e com a cidade. No rastro destas experiências de representação que, ao longo da história do homem, saem das paredes das cavernas para a evolução gráfica, em especial na cidade do Rio de Janeiro, o que no passado se manifestava e ainda se manifesta através de uma iconografia política nos cartuns, revistas entre outros, encontra-se hoje expresso por exemplo nos GLs, que colocam em questão o público e o privado, propondo o espaço público como território de expressão pública.

Como exemplo na Figura 1, encontramos uma forte crítica social e política, da discriminação racial e dos conflitos constantes de mortes da população negra. O telefone 190 é o número da policia militar para pedido de ajuda a qualquer tipo de agressão sofrida ao cidadão. Mas aqui, esse número representa o ultimo lugar onde principalmente a população negra poderia pedir ajuda. Observamos que nesta simples frase está descrito um conflito, que se perpetua desde o período da escravidão, portanto não muito diferente dos anúncios de venda de escravos do século retrasado, como pode ser visto na Figura 2, datada de 04/09/1822.



**Figura 1. Grafite encontrado na parede do Banco Itaú na rua da Assembléia ,
centro do Rio de Janeiro em 25/04/18**

² Documentário Lixo Extraordinário disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JLTY7t8c_x0

Vendas.

4 Vende-se huma Preta de Nação, rapariga, parida ha trez semanas da primeira barriga, com muito leite, e bom; e o filho masculino: ella sabe engommar lito, e enfaboar, tudo com perfeição, e o mais serviço de huma casa de familia; quem a pertender procure na Rua do Alecrim, N.º 147.

Figura 2. Anúncio publicado em edição de 04/09/1822 do Jornal O Volantim.

Fonte: <http://www.ibamendes.com/2015/11/anuncios-antigos-de-venda-de-escravos-i.html>.
Visto em 14/11/2019.

O destaque do anúncio de 1822 está no fato da preta ter muito leite, portanto ideal para ama de leite, e de ter parido filho homem, bom para o trabalho pesado no futuro, informações muito comuns na venda de escravos, antes da abolição da escravatura, promulgada em 13 de maio de 1888. Mesmo depois da promulgação da constituição de cinco de outubro de 1988, os GLs se destacam pela afirmação de que a população negra ainda é exposta à violência e à discriminação racial, passados quase dois séculos de distância entre ambos os anúncios. Os dados não mentem, no Brasil em 2017, 75,5% das vítimas de homicídios foram indivíduos negros, cerca de 43 negros a cada 100 mil habitantes, ao passo que a taxa de não negros é de 16 a cada 100 mil habitantes³ (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2019)

A poesia de Manoel de Barros, no trecho "As coisas jogadas fora têm grande importância - como um homem jogado fora" (BARROS, 1970, p.14), também vai encontrar essa crítica, em que se percebe sem dúvida alguma, que o ser humano vive um constante conflito social, sua poesia é contundente nesse sentido, contribuindo para a reflexão da cidade hoje. Quantos homens são jogados fora, quantas vidas são desvalorizadas nas cidades, no passado e na atualidade? Existe uma distopia e ao mesmo tempo uma esquizofrenia: à medida que as cidades acolhem os vetores de globalização, e fertilizam uma acelerada produção de pobres e excluídos, numa cidade cada vez numerosa (SANTOS, 2010, p.14). Nossas cidades possuem grandes bolsões de miséria e carência de serviços públicos. No caso do Rio de Janeiro as favelas não deixam dúvidas: sofrem com a falta de infra estrutura e principalmente com a espera sem fim por seu reconhecimento como território cidadão na malha da cidade (PCRJ, 1999, p.11). Apesar de esforços sob a forma de projetos e investimentos, como foi o Programa Favela Bairro⁴, ainda vivemos numa "Cidade Partida"⁵ (VENTURA, 1994). Cabe destacar, e aqui vale o pensamento de Darcy Ribeiro sobre as políticas econômicas que atravessam o Brasil desde o seu surgimento.

³ Dados coletados no Atlas da Violência 2019, produzido pelo IPEA, p.49-51.

⁴ O Programa Favela Bairro foi um programa de política habitacional iniciado na década de 90 na cidade do Rio de Janeiro que se pretendeu transformar a "cidade partida" em "cidade inteira". Integrando-a, levando à cidade informal as mesmas matérias e elementos urbanos da cidade formal (Cidade Inteira: Política Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (PCRJ), Secretaria Municipal de Habitação, 1999, p.11).

⁵ "Cidade Partida é o título do livro de Zuenir Ventura, lançado em 1994, em que o autor vai tratar de dois momentos históricos no Rio de Janeiro mostrando os conflitos sócio econômicos, que já se instalavam na nossa sociedade desde então.

O Estado Brasileiro não tem nenhum programa de reestruturação econômica que permita garantir pleno emprego a essas massas dentro de prazos previsíveis. Que fazer? Prosseguir o genocídio dos pioneiros que na terra de ninguém da Amazônia procuram seu pé de chão?(...) Insistir num liberalismo alucado, que regeu a economia desde 64, enriquecendo os ricos e empobrecendo os pobres? (...). Continuar imbuídos da ilusão de que o melhor para o Brasil é o espontaneísmo, regido pelo lucrismo dos banqueiros, que acabará por resolver nossos problemas? Até quando este país continuará sem seu projeto próprio de desenvolvimento autônomo e auto-sustentável? (RIBEIRO, 2006, p. 186)

Na busca por respostas, a singularidade, o resgate da subjetividade na experiência da arte, na busca pela sobrevivência na força dos coletivos, o artista percebe contradições na ordem social e atua, criando ruídos reveladores, que nos GLs se expressam por escritos que provocam pensamento, sentimento e ação em combinações diversas, infinitas.

Na contramão do GL anterior, a Figura 3 mostra pintura grafite associada à fotografia da escritora Conceição Evaristo⁶, na qual a seguinte frase, situada na parte superior do grafite, se destaca: "Uma mulher negra com uma faca é uma arma, uma mulher negra com um livro também". Que frase maravilhosa essa, a idéia de deslocar o olhar, para uma visão comprometida diante do conflito, ou seja, uma ação de não violência, apenas usando o livro como elemento de poder, afirmando o pensamento de Darcy Ribeiro, que tanto lutou pela educação no Brasil.



Figura 3. Grafite encontrado na Rua do Carmo, centro Rio de Janeiro em 17/05/19

2.2 A rua nasce como o homem, do soluço, do espasmo⁷

⁶ Conceição Evaristo é uma escritora brasileira autora e militante do movimento negro, com vários livros publicados. Disponível em:

http://nossaescrevivencia.blogspot.com/?fbclid=IwAR3Amv8WXw4z1FEVJgv_IR8ZcAsKjiUkXN-QCt101X7ZErVmaWmuTnBNC-U

⁷ Trecho do livro A alma encantadora das ruas de João do Rio.

A rua nasce como o homem, do soluço, do espasmo. Há suor humano na argamassa do seu calçamento. Cada casa que se ergue é feita de esforço exaustivo de muitos seres (...). A rua sente nos nervos essa miséria da criação, e por isso é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas. (RIO, 2008, p.30)

Encontramos em João do Rio um dos mais importantes jornalistas do início do século passado, que soube como ninguém revelar o espírito da rua na sua época, e que sem dúvida alguma ainda nos surpreende com suas crônicas. Em se tratando de GL, não poderíamos deixar de lembrar das suas definições e sentimentos em relação à rua, especialmente no que diz respeito à cidade do Rio de Janeiro.

Assim, trazemos aqui a Figura 4, o GL "Eu Amo a Rua", um verso que provavelmente tocara profundamente o coração de João do Rio. Quando ele diz que a rua é a mais igualitária das obras humanas, ele coloca o espaço da rua como um verdadeiro lugar de encontro, de possibilidades, uma eterna imagem da ingenuidade. Nesse contexto, o GL nos convida a acreditar que a sociedade urbana é possível, e que a prática social está em marcha, a prática urbana está em via de constituição, apesar dos obstáculos que a ela se opõem (LEFEBVRE, 1999, p 28). Profundo observador da rua, João do Rio era um *flâneur*, tinha o vírus da observação e da vadiagem, de andar por aí dia e noite. Ao amar a rua, nos abrimos para infinitas possibilidades de vivências, até para a inutilidade de ser, pois, como dizia Manoel de Barros, o inútil também serve para poesia.



Figura 4. Grafite encontrado na Rua do Carmo, centro do Rio de Janeiro em 25//04/18

3. Conclusões

No entrelaçamento das questões aqui abordadas, arte e ativismo, espaço urbano e poesia, busca-se identificar possíveis conflitos ou simples expressões de falas narradas nos muros da cidade do Rio de Janeiro.

Não podemos deixar de descartar nesse processo dos GLs, a dimensão pública e privada que rege a vida das pessoas na cidade contemporânea. Muitas das manifestações são de artistas e ou pessoas anônimas, que por algum motivo tornam público um sentimento que sai da esfera privada e alcança a vida pública. Estas expressões sugerem a demanda por relações sociais que vão além do pessoal, que parecem libertar-se do psiquismo interior, sistema que não raras vezes nos aprisiona, para resgatar a ágora, a *res publica* afirmadas como possibilidades de associação e compromisso mútuo, transcendendo os laços de família, como afirma Richard Sennett (1988, p.16). Ao mesmo tempo a questão da

globalização das cidades coloca em discussão os limites do estado nacional frente à este modelo hegemônico planejado, capaz de atuar de forma individual, indiferente a seu entorno. Na teia desse conjunto de forças, os GLs reclamam por soluções locais, dentro da nação, numa nova estruturação político-territorial, em que a redistribuição de recursos e a cidadania para todos são prerrogativas e obrigação (SANTOS, 2010, p.113).

Na cidade contemporânea, conforme afirma Henri Lefebvre (LEFEBVRE, 1999, p. 29) a rua é o lugar (topia) do encontro, sem o qual não existem outros encontros. Lefebvre se coloca como um espectador da rua, porque ele vê na rua um teatro espontâneo (LEFEBVRE, 2002). Em sendo um teatro, é nesse lugar que o artista constrói sua ágora, seu espaço de fala, e potencializa, no caso dos GLs, sua forma de expressão em palavras. Então, no fluxo desse processo que cursa as cidades globalizadas, os artistas vivem conflitos e questionamentos no campo das artes, com mudanças significativas que dependem do deslocamento do objeto artístico no atendimento às contingências sociais e práticas, reformulando um devir do contexto inicial estabelecido entre artista e público. Os grafites desenham novos recursos de intervenção através da arte. Nos GLs em especial, a imagética figurativa cede lugar à imagética da palavra. Podemos assim classificá-los como poéticas da vida nos espaços urbanos, como vetores de experiências de transformação individual ampliadas como potência de transformação social (VINHOSA, 2010, p.200).

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

ATLAS DA VIOLÊNCIA 2019. Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em:
http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34784&Itemid=432 . Acesso em: 21 nov. 2019.

BARROS, M. de. **Matéria de Poesia**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

CIDADE INTEIRA: Política Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (PCRJ), Secretaria Municipal de Habitação, 1999.

EVARISTO, Conceição. Blog disponível em:
http://nossaescrevivencia.blogspot.com/?fbclid=IwAR3Amv8WXw4z1FEVJgv_IR8ZcAsKjiUkXN-QCt101X7ZErVmaWmuTnBNC-U

FLORIDO, M. **Cursos livres - Transformações na prática artística**: entre a rua e o ateliê: o artista e a cidade. Curso de História da Arte oferecido pela Pinacoteca do Estado de São Paulo, julho de 2011, parte1. Vídeo disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=f1SpEwnSD5k>. Acesso em: 21 nov. 2019.

LEFEBVRE, H. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

MUNFORD, L. **A Cidade na História**: suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MUNIZ, Vik. **Lixo Extraordinário**. Documentário inspirado na obra de Vik Muniz lançado no Brasil em 21/01/2011. Vídeo disponível em :
<https://www.youtube.com/watch?v=61eudaWpWb8>

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia de Bolso 2006.

RIO, J. do. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SENNETT, R. **O Declínio do Homem Público**: As tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

VENTURA, Z. **Cidade Partida**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1994.

VINHOSA, L. **O que a arte faz?** In: VINHOSA, L. (org.). **Horizontes da Arte**. Rio de Janeiro: Nau, 2010, p 185-206.